

A

IMORTALIDADE

J.C. RYLE

1816-1900



Legado Reformado

A Imortalidade

Direitos Autorais © 2022 Legado Reformado.

Legado Reformado

www.legadoreformado.com

Produção Editorial:

Editor: Henrique Curcio

Tradução: Henrique Curcio

Revisão: Jacqueline Moura

Todas as citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Atualizada, salvo qualquer indicação específica. Nenhuma parte deste livro pode ser usada ou reproduzida de qualquer maneira sem permissão por escrito, exceto nos casos de breves citações contidas em artigos ou revistas. Direcione sua solicitação ao editor no seguinte endereço: permissões@legadoreformado.com.

Siga nosso Instagram:

www.instagram.com/legadoreformado/

ÍNDICE

ÍNDICE	3
COMO AJUDAR NOSSO MINISTÉRIO	5
NOTA INTRODUTÓRIA	6
CONSIDERAÇÕES SOBRE A IMORTALIDADE	9
VIVEMOS EM UM MUNDO ONDE TODAS AS COISAS SÃO TEMPORAIS E PASSAGEIRAS	12
ESTAMOS TODOS INDO PARA UM MUNDO ONDE TUDO É ETERNO	16
NOSSO ESTADO NO MUNDO INVISÍVEL DA ETERNIDADE DEPENDE INTEIRAMENTE DO QUE SOMOS NO TEMPO PRESENTE	26
O SENHOR JESUS CRISTO É O GRANDE AMIGO A QUEM DEVEMOS BUSCAR AJUDA, TANTO PARA O TEMPO PRESENTE COMO PARA A ETERNIDADE ..	32
COMBATENDO A IDEIA DE ANIQUILAÇÃO APÓS A MORTE	39
PUNIÇÃO COM PRAZO DEFINIDO	52
CONCLUSÃO	57
QUEM FOI J.C. RYLE?	61
OUTROS TÍTULOS PRODUZIDOS POR NÓS	68

A IMORTALIDADE

“Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas”

2 Co 4:18

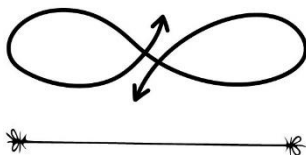
Como ajudar nosso ministério

Nosso foco é glorificar a Deus e abençoar nossos irmãos em Cristo com nossas traduções. Por esse motivo decidimos fazer todo o nosso conteúdo digital de maneira gratuita. **Caso você deseje ajudar o nosso ministério, você poderá:**

1. Seguir nosso Instagram:
www.instagram.com/legadoreformado/
2. Comprar uma cópia física;
3. Fazer uma doação para o Pix: CNPJ 47.268.109/0001-78;
4. Traduzir, Revisar ou Narrar
(contato@legadoreformado.com)
5. Deixar uma avaliação no site da Amazon, para que outras pessoas possam saber sobre esse conteúdo gratuito.

Oremos para que Deus possa usar esse conteúdo para edificar a Sua Igreja.

Que Deus o abençoe.



Nota Introdutória

As páginas seguintes contêm a substância de um Sermão que preguei, a convite, na *Catedral de Peterborough*, no quarto domingo de 1877 – a substância e não as palavras exatas. A pura verdade é que o Sermão não foi feito para publicação. Foi pregado a partir de notas e foi um daqueles discursos populares que não podem ser relatados de maneira agradável. Um estilo de linguagem que satisfaça o ouvido, raramente satisfará a mente quando lido. Ao receber um relatório manuscrito do editor, descobri que exigiria muito mais trabalho para condensar, corrigir, paragrafar, pontuar e preparar o Sermão para que pudesse ser impresso, do que

escrevê-lo grosseiramente a partir de minhas próprias anotações e lembranças. Por falta de tempo, não tive alternativa a não ser adotar esse curso ou recusar completamente a publicação. O resultado é que o leitor tem diante de si o assunto, a ordem, as cabeças, o arranjo e os principais pensamentos e frases do meu Sermão, mas não contêm todas as palavras ditas. Com isso, espero que o leitor fique satisfeito.

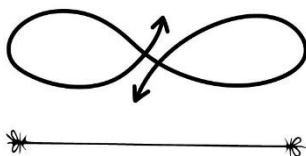
O pós-escrito que segue o Sermão é uma breve tentativa de lançar luz sobre um assunto que está perturbando a mente de alguns cristãos nos dias atuais. Esse assunto é “o estado futuro” ou “estado após a morte”. Claro que em um pequeno livro como este o leitor não deve esperar encontrar este assunto tratado de maneira exaustiva. Mas arrisco-me a pensar que forneci algumas razões claras pelas quais os “antigos caminhos” sobre o estado futuro não devem ser levianamente abandonados. Também dei os nomes de livros, nos quais informações mais completas podem ser obtidas.

Novidades em teologia são sempre atraentes. Novas visões, como aquelas propostas hoje em dia sobre o estado futuro, são, à primeira vista, ilusórias, plausíveis

A IMORTALIDADE

e muito convincentes. Mas com todo o respeito pelos defensores de ensinamentos mais novos, mais amplos e mais liberais (assim chamados), não vejo nada neles que resista ao teste de investigação calma à luz da Bíblia. “O velho é melhor.”

*J. C. Ryle
Palace, Liverpool,
19 de abril de 1883.*



Considerações Sobre a Imortalidade

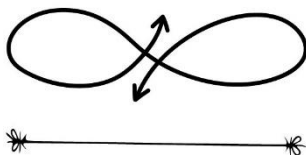
“Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (2 Co 4:18).

Um assunto se destaca na face deste texto, que é um dos mais solenes e profundos da Bíblia. Esse assunto é a eternidade, ou a imortalidade. O assunto é um dos quais o homem mais sábio só pode entender um pouco. Não temos olhos para vê-lo completamente, nem linha para percebê-lo, nem mente para compreendê-lo; e, no entanto, não devemos nos recusar a considerá-lo. Há profundidades de estrelas nos céus acima de nós que o

telescópio mais poderoso não pode perfurar; no entanto, é bom olhar para elas e aprender alguma coisa, se não podemos aprender tudo. Há alturas e profundidades sobre o assunto da eternidade que o homem mortal nunca pode compreender; mas Deus falou sobre isso, e por isso, não temos o direito de nos afastar completamente desse assunto.

O assunto é um que nunca devemos abordar sem a Bíblia em nossas mãos. No momento em que nos afastamos da “Palavra de Deus escrita”, ao considerar a eternidade e o estado futuro do homem, é provável que caíamos em erro. Ao examinar pontos como esses, não nos entreguemos as noções preconcebidas sobre o que é o caráter de Deus, e o que acho que Deus deveria ser, ou deveria fazer com o homem após a morte. Temos apenas que descobrir o que está escrito. Devemos perguntar: “O que diz a Escritura? O que diz o Senhor?” Não devemos ter pensamentos “mais nobres” sobre Deus, independente e acima das Escrituras. A religião natural logo chega a um impasse aqui. Os pensamentos mais nobres sobre Deus, que temos o direito de ter, são os pensamentos que Ele teve o prazer de nos revelar em Sua “Palavra escrita”.

Peço a atenção de todos, em cujas mãos este sermão cair, enquanto ofereço alguns pensamentos sugestivos sobre a eternidade. Como homem mortal, sinto profundamente minha própria insuficiência para lidar com esse assunto. Mas oro para que Deus, o Espírito Santo, cuja força se aperfeiçoa na fraqueza, abençoe as palavras que escrevi e as transforme em sementes de vida eterna em muitas mentes.



*Vivemos em um mundo
onde todas as coisas
são temporais e
passageiras*

Deve ser cego aquele homem que não pode perceber isso. Tudo ao nosso redor está se deteriorando, morrendo e chegando ao fim. Uma vez criado, nunca perecerá inteiramente. Mas em um sentido prático popular, não há nada imortal em nós, exceto nossas almas. Não admira que o poeta diga:

“Mudança e decadência ao redor eu vejo:
Ó, Tu que não mudas, permanece comigo!”

Estamos todos “indo, indo, indo”, seja alto ou baixo, gentil ou simples, rico ou pobre, velho ou jovem. Estamos todos indo, e em breve teremos “ido”.

A beleza é apenas temporal. Sara já foi a mais bela das mulheres e a admiração da corte do Egito; contudo, chegou um dia em que até mesmo Abraão, seu marido, disse: “Dai-me a posse de sepultura convosco, para que eu sepulte a minha morta” (Gn 23:4).

A força do corpo é apenas temporária. Davi já foi um homem valente, o matador de leão e de urso e o campeão de Israel contra Golias; contudo, chegou um dia em que até mesmo Davi teve de ser amamentado e ministrado em sua velhice como uma criança.

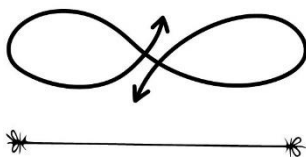
A sabedoria e o poder do cérebro são apenas temporários. Salomão já foi um prodígio de conhecimento, e todos os reis da terra vieram ouvir sua sabedoria; no entanto, mesmo Salomão em seus últimos dias foi tolo e permitiu que suas esposas desviassem seu coração.

Por mais humildes e dolorosas que essas verdades possam parecer, é bom para nós percebê-las e colocá-las no coração. As casas em que moramos, os lares que amamos, as riquezas que acumulamos, as profissões que seguimos, os planos que traçamos, as relações que estabelecemos, são apenas por um tempo. “Porque a aparência deste mundo passa” (1 Co 7:31). A moda deste mundo passa.

O pensamento sobre a eternidade é aquele que deve despertar todo aquele que vive apenas para este mundo. Se sua consciência não estiver totalmente cauterizada, ela deve despertar grandes indagações de coração. Ah, cuidado com o que você está fazendo! Acorde para ver as coisas em sua verdadeira luz antes que seja tarde demais. As coisas pelas quais você vive agora são todas temporais e passageiras. Os prazeres, as diversões, as recreações, os divertimentos, os lucros, as vocações terrenas, que agora absorvem todo o seu coração e bebem toda a sua mente, logo terminarão. São pobres coisas efêmeras que não podem durar. Oh, não os ame; não os segure com muita força; não faça deles seus ídolos! Você não pode mantê-los, e você deve largá-los. Busque primeiro o reino de Deus, e então tudo mais lhe

será acrescentado. “Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra” (Cl 3:2). Oh, você que ama o mundo, seja sábio! Nunca, nunca se esqueça de que está escrito: “O mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente” (Cl 3:2; 1 Jo 2:17).

O mesmo pensamento deve animar e confortar todo cristão verdadeiro. Suas provações, cruzes e conflitos são todos temporais. Eles logo terão um fim; e mesmo agora eles estão trabalhando para você um “peso de glória, acima de toda comparação” (2 Co 4:17). Tome-os pacientemente; suportá-los em silêncio; olhe para cima, para a frente, para a frente e muito além deles. Lute sua luta diária com a convicção permanente de que é apenas por pouco tempo, e que o descanso não está longe. Carregue sua cruz diária com uma lembrança permanente de que as “coisas que se veem” são temporais. A cruz logo será trocada por uma coroa, e você se sentará com Abraão, Isaque e Jacó no reino de Deus.



*Estamos todos indo
para um mundo onde
tudo é eterno*

Esse grande estado invisível de existência que jaz atrás da sepultura é para sempre. Seja feliz ou miserável, seja uma condição de alegria ou tristeza, em um aspecto é totalmente diferente deste mundo, pois tudo lá é para sempre. Lá, de qualquer forma, não haverá mudança e decadência, sem fim, sem adeus, sem manhãs e noites, sem alteração, sem aniquilação. O que quer que haja além do túmulo, quando a última trombeta soar e os mortos ressuscitarem, será sem fim; eterno. “As [coisas] que se não veem são eternas.”

Não podemos conceber plenamente em nossas mentes esta condição. O contraste entre agora e então, entre este mundo e o próximo, é tão grande que nossas mentes fracas não o compreendem. As consequências que isso acarreta são tão tremendas que quase nos tiram o fôlego, e evitamos olhar para elas. Mas quando a Bíblia fala claramente, não temos o direito de nos desviar de um assunto, e com a Bíblia em nossas mãos faremos bem em olhar para as coisas que são eternas.

(a) Vamos estabelecer, então, em nossas mentes, por um lado, que a felicidade futura daqueles que são salvos é eterna. Por mais pouco que possamos entender, é algo que não terá fim; nunca cessará, nunca envelhecerá, nunca decairá, nunca morrerá. À destra de Deus há “delícias perpetuamente” (Sl 16:11). Uma vez desembarcados no paraíso, os santos de Deus não sairão mais. Sua herança é “incorruptível, sem mácula, imarcescível”. “Ora, logo que o Supremo Pastor se manifestar, recebereis a imarcescível coroa da glória” (1 Pe 1:4; 5:4). Sua guerra está consumada; sua luta acabou; seu trabalho está feito. Não terão mais fome, nem sede. Eles estão viajando para um “peso eterno de glória”, para um lar que nunca será desfeito, um encontro sem

separação, uma reunião de família sem despedidas, um dia sem noite. A fé será engolida pela vista, e a esperança pela certeza. Nós veremos como somos vistos, e saberemos como somos conhecidos, e “estaremos para sempre com o Senhor”. Não me admira que o apóstolo Paulo acrescente: “Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras” (1 Ts 4:17,18).

(b) Vamos resolver, por outro lado, em nossas mentes, que a miséria futura daqueles que estão finalmente perdidos é eterna. Esta é uma verdade terrível, e carne e sangue naturalmente recuam diante da contemplação dela. Mas eu sou um daqueles que acredita que isso é claramente revelado nas Escrituras, e por isso não ousa manter tal ensino fora do púlpito. Aos meus olhos, a eterna felicidade futura e a eterna miséria futura parecem estar lado a lado. Não consigo ver como você pode distinguir a duração de um da duração do outro. Se a alegria do crente é para sempre, a tristeza do incrédulo também é para sempre. Se o céu é eterno, assim também é o inferno. Pode ser minha ignorância, mas não sei como a conclusão pode ser evitada.

Não consigo conciliar a não eternidade do castigo com a linguagem da Bíblia. Seus defensores falam alto

sobre amor e caridade, e dizem que isso não se harmoniza com o caráter misericordioso e compassivo de Deus. Mas o que diz a Escritura? Quem já falou palavras tão amorosas e misericordiosas como nosso Senhor Jesus Cristo? No entanto, seus são os lábios que três vezes descrevem a consequência da impenitência e do pecado, como “onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga”. Ele é a Pessoa que fala sobre os ímpios indo para o “castigo eterno” e os justos para a “vida eterna” (Mc 9:43–48; Mt 25:46).

Quem não se lembra das palavras do apóstolo Paulo sobre caridade? No entanto, ele é o próprio apóstolo que diz que os ímpios “sofrerão penalidade de eterna destruição” (2 Ts 1:9). Quem não conhece o espírito de amor que percorre todos os Evangelhos e Epístolas de João? No entanto, o amado Apóstolo é o próprio escritor do livro de Apocalipse, onde o ensino da realidade e eternidade da desgraça futura é encontrado claramente. O que diremos a essas coisas? Devemos ser sábios acima do que está escrito? Devemos admitir o princípio perigoso de que as palavras nas Escrituras não significam o que parecem significar? Não é muito melhor colocar as mãos na boca e dizer: “Tudo o que

Deus escreveu deve ser verdade”. “Certamente, ó Senhor Deus, Todo-Poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos” (Ap 16:7).

Não consigo conciliar a não eternidade do castigo com a linguagem do nosso livro de orações. A primeira petição em nossa incomparável *Ladainha* contém esta frase: “Da condenação eterna, bom Senhor, livrai-nos.” O Catecismo ensina a cada criança que o aprende, que sempre que repetirmos a “Oração do Senhor”, desejamos que nosso Pai Celestial “nos guarde” de nosso inimigo e da morte eterna”. Mesmo em nosso serviço de sepultamento, oramos ao lado do túmulo: “Nos liberte das amargas dores da morte eterna”. Mais uma vez eu pergunto: “O que devemos dizer a essas coisas?” Devemos ensinar nossas congregações que mesmo quando as pessoas vivem e morrem em pecado, podemos esperar sua felicidade em um futuro remoto? Certamente o senso comum de muitos de nossos adoradores responderia que, se este for o caso, as palavras contidas no livro de orações não significam absolutamente nada.

Não reivindico nenhum conhecimento peculiar das Escrituras. Sinto diariamente que não sou mais infalível

que o Bispo de Roma. Mas devo falar de acordo com a luz que Deus me deu; e não acho que cumpriria meu dever se não levantasse uma voz de advertência sobre esse assunto e tentasse colocar os cristãos em guarda. Seis mil anos atrás, o pecado entrou no mundo pela falsidade ousada do diabo: “É certo que não morrereis” (Gn 3:4). Ao final de seis mil anos, o grande inimigo da humanidade ainda está usando sua velha arma e tentando persuadir os homens de que eles podem viver e morrer em pecado, e ainda em algum período distante podem ser finalmente salvos. Não ignoremos seus artifícios. Caminhemos firmemente nos velhos caminhos. Apeguemo-nos à velha verdade e creiamos que, assim como a felicidade dos salvos é eterna, assim também é a miséria dos perdidos.

(a) Mantenha-se firme em tudo o que foi revelado. Qual foi a utilidade do Filho de Deus se encarnar, agonizar no Getsêmani e morrer na cruz para fazer expiação, se os homens podem ser finalmente salvos sem que creiam n’Ele? Onde está a menor prova de que a fé salvadora no sangue de Cristo pode começar após a morte? Onde está a necessidade do Espírito Santo, se os pecadores devem finalmente entrar no céu sem

conversão e renovação de coração? Onde podemos encontrar a menor evidência de que alguém pode nascer de novo e ter um novo coração, se morrer em um estado não regenerado? Se um homem pode finalmente escapar do castigo eterno, sem fé no sangue de Cristo ou santificação do Espírito, o pecado não é mais um mal infinito, e dessa maneira, não haveria necessidade de Cristo fazer uma expiação.

(b) Mantenha-se firme na santidade e na moralidade. Não consigo imaginar nada tão agradável para a carne e o sangue quanto a “miraculosa” teoria de que podemos viver em pecado e ainda assim escapar da perdição eterna; e que embora “sirvamos a diversas concupiscências e prazeres” enquanto estivermos aqui, de uma forma ou de outra todos iremos para o céu no futuro! Apenas diga ao jovem que está “desperdiçando seus bens em uma vida desenfreada”, que finalmente existe o céu e que não existe nenhum castigo eterno, e certamente ele nunca se afastará do mal. Por que ele deveria se arrepender e tomar a cruz, se pode finalmente ir para o céu ou escapar do castigo sem problemas?

(c) Finalmente, mantenha-se firma na causa das esperanças comuns de todos os santos de Deus. Vamos entender distintamente que cada golpe dado no entendimento da eternidade do castigo é um golpe igualmente pesado no entendimento da eternidade da recompensa. É impossível separar as duas coisas. Nenhuma definição teológica engenhosa pode dividi-las. Eles permanecem em pé ou caem juntos. A mesma linguagem é usada, as mesmas figuras de linguagem são empregadas, quando a Bíblia fala sobre as duas condições. Todo ataque à duração do inferno é também um ataque à duração do céu.

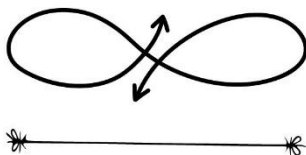
Afasto-me desta parte do meu assunto com uma profunda sensação de sua dor. Sinto fortemente, junto com *Robert M'Cheyne*, que tal doutrina “é um assunto difícil de lidar com amor”. Mas afasto-me dela com uma convicção igualmente profunda de que, se acreditamos na Bíblia, nunca devemos abandonar nada do que ela contém. Da teologia dura, austera e impiedosa, bom Deus, livrai-nos! Se os homens não são salvos é porque eles não vão a Cristo (Jo 5:40). Não devemos ser “sábios” acima do que está escrito. Nenhum amor mórbido à liberalidade, assim chamada, deve nos induzir a rejeitar

qualquer coisa que Deus tenha revelado sobre a eternidade.

Os homens às vezes falam exclusivamente sobre a misericórdia, o amor e a compaixão de Deus, como se Ele não tivesse outros atributos, e deixam inteiramente fora de vista sua santidade, sua pureza, sua justiça, sua imutabilidade e seu ódio ao pecado. Tomemos cuidado para não cair nessa ilusão. É um mal crescente nestes últimos dias. Percepções baixas e inadequadas da indescritível vileza e imundície do pecado, e da inexprimível pureza do Deus eterno, são fontes férteis de erro sobre o estado futuro do homem. Pensemos no Ser poderoso com quem temos que lidar, como foi declarado por Moisés, dizendo: “SENHOR, SENHOR Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado”. Mas não esqueçamos a cláusula solene que conclui a frase: “Ainda que não inocenta o culpado” (Êx 34:6,7). O pecado não arrependido é um mal eterno e nunca pode deixar de ser pecado; e Aquele com quem temos que lidar é um Deus eterno.

As palavras do Salmo 145 são surpreendentemente belas: Benigno e misericordioso é o Senhor , tardio em irar-se e de grande clemência. O Senhor é bom para todos, e as suas ternas misericórdias permeiam todas as suas obras. O Senhor sustém os que vacilam e apruma todos os prostrados. Ele acode à vontade dos que o temem; atende-lhes o clamor e os salva. O Senhor guarda a todos os que o amam” (Sl 145: 8,9,14,19,20). Nada pode exceder a misericórdia desta linguagem! Mas que fato impressionante é que a passagem continua acrescentando à seguinte conclusão solene: “porém os ímpios serão exterminados (Sl 145:20).

A IMORTALIDADE



*Nosso estado no mundo
invisível da
eternidade depende
inteiramente do que
somos no tempo
presente*

A VIDA que vivemos na terra é curta, na melhor das hipóteses, e logo passa. “Acabam-se os nossos anos como um breve pensamento” (Sl 90:9). “Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por

instante e logo se dissipa” (Tg 4:14). A vida que está diante de nós quando deixamos este mundo é uma eternidade sem fim, um mar sem fundo e um oceano sem costa. Um dia aos Teus olhos, Deus eterno, “é como mil anos, e mil anos, como um dia” (2 Pe 3:8). Nesse mundo o tempo não existirá mais.

Mas, por mais curta que seja nossa vida aqui, e infinita como será no futuro, é um pensamento tremendo que a eternidade depende desse tempo presente. Nosso destino após a morte depende, humanamente falando, do que somos enquanto estamos vivos. Está escrito: Deus “retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça” (Rm 2:6-8).

Nunca devemos esquecer que estamos todos, enquanto vivemos, em estado de provação. Estamos constantemente semeando sementes que brotarão e darão frutos, a cada dia e hora em nossas vidas. Há consequências eternas resultantes de todos os nossos pensamentos, palavras e ações, das quais levamos muito

pouco em conta. “Toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo” (Mt 12:36). Nossos pensamentos estão todos contados, nossas ações são todas pesadas. Não é de admirar que Paulo diga: “O que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (Gl 6:8). Em uma palavra, o que semeamos na vida, colheremos após a morte e colheremos por toda a eternidade.

Não há maior ilusão do que a ideia comum de que é possível viver perversamente e, no entanto, ressuscitar gloriosamente; estar sem religião neste mundo, e ainda ser um santo no outro. Quando o famoso *Whitefield* reviveu a doutrina da conversão no século passado, é relatado que um de seus ouvintes veio a ele depois de um sermão e disse: “*É tudo verdade, senhor. Espero ser convertido e nascer de novo um dia, mas não antes de morrer.*” Temo que existam muitos como ele. Temo que a falsa doutrina do purgatório romano tenha muitos amigos secretos, mesmo dentro dos limites da Igreja da Inglaterra! Por mais descuidadamente que os homens continuem enquanto vivem, eles, secretamente, se apegam à esperança de que serão encontrados entre os

santos quando morrerem. Eles parecem abraçar a ideia de que existe algum efeito purificador produzido pela morte, e que, o que quer que sejam nesta vida, eles serão achados “entre os selecionados para a herança dos santos” na vida futura. Mas é tudo uma ilusão.

“A vida presente é para servir ao Senhor, tempo de assegurar a grande recompensa.” A Bíblia ensina claramente que, ao morrermos, convertidos ou não convertidos, crentes ou incrédulos, piedosos ou ímpios, assim ressuscitaremos quando a última trombeta soar. Não há arrependimento na sepultura, não há conversão após o último suspiro. Agora é a hora de crer em Cristo e tomar posse da vida eterna. Agora é a hora de passarmos das trevas para a luz, e para assegurarmos nosso chamado e eleição. A noite vem quando nenhum homem pode trabalhar. Quando a árvore cair, ali ficará. Se deixarmos este mundo impenitentes e incrédulos, ressuscitaremos da mesma forma na manhã da ressurreição e descobriremos que seria melhor que nunca tivéssemos nascidos” (Mc 14:21).

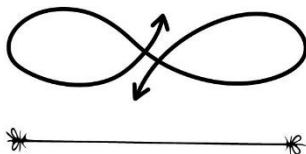
Peço a todos os leitores deste livro que se lembrem disso e façam bom uso do tempo. Considere-o como o material de que a vida é feita, e nunca o desperdice ou

jogue fora. Suas horas, dias, semanas, meses e anos têm algo a dizer para uma condição eterna além da sepultura. O que você semeia na vida agora é certo que colherá na vida futura. Como diz o santo *Baxter*, é “agora ou nunca”. Tudo o que fazemos na religião deve ser feito agora.

Lembre-se disso ao usar todos os meios de graça, do menor ao maior. Nunca seja descuidado com eles. Eles são dados para serem seus auxílios em direção a um mundo eterno, e nenhum deles deve ser tratado impensadamente ou tratado com leveza e irreverência. Suas orações diárias e leitura da Bíblia, seu comportamento no dia do Senhor, sua maneira de realizar o culto público; todas essas coisas são importantes. Use-as como alguém que se lembra da eternidade.

Lembre-se disso, principalmente, sempre que for tentado a fazer o mal. Quando os pecadores seduzirem você: “É apenas um pecado pequenino”, quando Satanás sussurra em seu coração: “Não importa. Onde está o mal em fazer isso? Todo mundo faz isso”; então olhe além do tempo para um mundo invisível e coloque diante da tentação o pensamento da eternidade. Há um grande

ditado registrado do reformador martirizado, o bispo *Hooper*, quando alguém o incitou a se retratar antes de ser queimado, dizendo: “A vida é doce e a morte é amarga”. “É verdade”, disse o bom bispo, “é verdade! Mas a vida eterna é mais doce e a morte eterna é mais amarga.”



*O Senhor Jesus Cristo
é o grande amigo a
quem devemos buscar
ajuda, tanto para o
tempo presente como
para a eternidade*

O propósito para o qual o eterno Filho de Deus veio ao mundo nunca pode ser declarado muito plenamente, ou proclamado demasiadamente. Ele veio para nos dar esperança e paz enquanto vivemos entre as “coisas

visíveis, que são temporais”, e glória e bem-aventurança quando entrarmos nas “coisas invisíveis, que são eternas”. Ele veio para trazer “à luz a vida e a imortalidade” e libertar aqueles que, “pelo pavor da morte, estavam sujeitos à escravidão por toda a vida” (2 Tm 1:10; Hb 2:15). Ele viu nossa condição perdida e falida, e teve compaixão de nós. E agora, bendito seja Seu nome, porque por meio d’Ele um homem mortal pode passar pelas coisas temporais com conforto e aguardar as coisas eternas sem medo.

Esses poderosos privilégios, o nosso Senhor Jesus Cristo comprou para nós ao custo de seu próprio sangue precioso. Ele se tornou nosso Substituto, e carregou nossos pecados em seu próprio corpo na cruz, e então ressuscitou para nossa justificação. Ele sofreu pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus. Ele, que não conheceu pecado, foi feito pecado por nós, para que nós, pobres criaturas pecadoras, tenhamos perdão e justificação enquanto vivermos, e glória e bem-aventurança quando morrermos (1 Pe 2:24; 3:18; 2 Co 5:21).

E tudo o que nosso Senhor Jesus Cristo comprou para nós, Ele oferece gratuitamente a todo aquele que se converter de seus pecados, vier a Ele e crer.

- “Eu sou a luz do mundo, quem me segue não andará nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (Jo 8:12);
- “Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11:28);
- “Se alguém tem sede, venha a mim e beba” (Jo 7:37);
- “O que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6:37).

E os termos são tão simples quanto a oferta é gratuita:

- “Crê no Senhor Jesus e serás salvo” (At 16:31);
- “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3:16).

Aquele que tem Cristo, tem vida. Ele pode olhar ao seu redor para as “coisas temporais” e ver mudança e decadência por todos os lados sem desânimo. Ele tem

um tesouro no céu, que nem a ferrugem nem a traça podem corromper e que nem os ladrões podem roubar. Ele pode esperar pelas “coisas eternas” e sentir-se calmo e sereno. Seu Salvador ressuscitou e foi preparar um lugar para ele. Quando ele deixar este mundo, ele terá uma coroa de glória, e estará para sempre com seu Senhor. Ele pode olhar até a sepultura, como os mais sábios gregos e romanos nunca poderiam fazer, e dizer: “Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?” (1 Co 15:55). Oh, eternidade, onde estão os teus terrores?

Vamos todos estabelecer firmemente em nossas mentes que a única maneira de passar pelas “coisas que se veem” com conforto, e aguardar as “coisas invisíveis” sem medo, é ter Cristo como nosso Salvador e Amigo, apegar-nos a Cristo com fé, para nos tornarmos um com Cristo e Cristo em nós, e enquanto vivemos na carne, devemos viver uma vida de fé no Filho de Deus (Gl 2:20). Quão vasta é a diferença entre o estado daquele que tem fé em Cristo e o estado daquele que não tem fé! De fato, bem-aventurado aquele homem ou mulher que pode dizer, com sinceridade: “Eu confio em Jesus”. Quando o cardeal *Beaufort* estava em seu leito de morte,

nosso poderoso poeta, *Shakspear*, descreve o rei Henrique dizendo: “Ele morre, mas não dá sinal”. Quando *John Knox*, o reformador escocês, estava chegando ao fim, e incapaz de falar, um servo fiel pediu-lhe para dar alguma prova de que o Evangelho que ele havia pregado em vida lhe dava conforto na morte, levantando a mão. Ele ouviu; e levantou a mão para o céu três vezes, e depois partiu.

Bem-aventurado, repito, é aquele que crê! Só ele é rico, independente e está fora do alcance do mal. Se você e eu não temos conforto em meio às coisas temporais, e nenhuma esperança para as coisas eternas, a culpa é toda nossa. É porque não queremos vir a Cristo, para que tenhamos vida (Jo 5:40).

Deixo aqui o assunto da eternidade, e oro para que Deus abençoe a muitas almas. Você e eu nos “encaramos” talvez pela primeira vez, e provavelmente pela última vez, em nossas vidas. Mas quando e onde nos encontraremos novamente? Por isso, ofereço uma palavra de exortação amigável. Eu ofereço a cada um, algum alimento para reflexão e matéria para auto-exame.

(1) Em primeiro lugar, como você está usando seu tempo?

A vida é curta e muito incerta. Você nunca sabe o que um dia pode trazer. Negócios e prazeres, ganhar dinheiro e gastar dinheiro, comer e beber, casar-se e dar-se em casamento; tudo, tudo em breve estará acabado para sempre. E você, o que está fazendo pela sua alma imortal? Você está perdendo tempo, ou transformando-o em um bom testemunho? Você está se preparando para encontrar Deus?

(2) Em segundo lugar, onde você estará na eternidade?

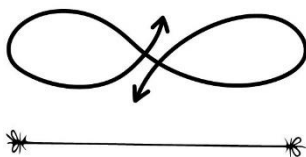
A eternidade está vindo, vindo, vindo muito rápido sobre nós. Você está indo, indo, indo muito rápido para ela. Mas onde você vai estar? À direita ou à esquerda no dia do juízo? Entre os perdidos ou entre os salvos? Oh, não descanse até que sua alma esteja segura! Certifique-se de trabalhar; não deixe nada incerto. É uma coisa terrível morrer despreparado e cair nas mãos do Deus vivo.

(3) Em terceiro lugar, você estaria seguro para o tempo e a eternidade?

Então busque a Cristo, e creia n'Ele, venha a Ele assim como você é. Busque-o enquanto pode ser encontrado, invoque-o enquanto está perto. Ainda há um trono de graça. Não é tarde demais. Cristo espera para ser gracioso; Ele o convida a vir a Ele. Antes que a porta seja fechada e o julgamento comece, arrependa-se, creia e seja salvo.

(4) Por último, você seria feliz?

Apegue-se a Cristo e viva a vida de fé n'Ele. Permaneça n'Ele e viva perto d'Ele. Siga-o com coração, alma, mente, força, e procure conhecê-lo melhor a cada dia. Assim fazendo, você terá grande paz enquanto passar pelas “coisas temporais”, e no meio de um mundo moribundo nunca morrerá (Jo 11:26). Assim fazendo, você será capaz de esperar pelas “coisas eternas” com confiança infalível, sentir e saber que se a nossa casa terrena deste tabernáculo for desfeita, teremos um edifício de Deus, uma casa não feita por mãos, eterna nos céus (2 Co 5:1).



Combatendo a Ideia de Aniquilação após a Morte

Desde que preguei o Sermão acima, li o volume de *Canon Farrar, "A Vision of the Future"*. Com muito que este livro contém, não posso concordar de forma alguma. Qualquer coisa que venha da pena de um escritor tão conhecido, é claro, merece uma consideração respeitosa. Mas devo confessar honestamente, depois de ter lido esse livro, não vejo

razão para retirar qualquer coisa que eu disse em meu Sermão sobre a “Eternidade”.

Não encontro nada de novo nas declarações de *Canon Farrar*. Ele diz quase nada que não tenha sido dito e refutado anteriormente. A todos os que desejam examinar completamente o assunto da realidade e eternidade do castigo futuro, atrevo-me a recomendar quatro obras que são muito menos conhecidas do que deveriam ser, e que me parecem muito mais sólidas e mais bíblicas do que o livro de *Farrar*. Um deles é de *Horbery* “*Enquiry into the Scripture Doctrine of the Duration of Future Punishment*”. O segundo é “*Girdlestone's Dies Iræ*”. O terceiro é “*Childe's Unsafe Anchor*”. O quarto é um volume de Ensaio Americanos de vários escritores: “*Future Life*”. Nenhum desses livros jamais foi respondido, e arrisco-me a pensar que nunca serão. O livro do Bispo *Pearson* sobre o Credo, sob o título “*Rusurrection*” e “*Eternal Life*”, também é de grande valia.

A pura verdade é que existem grandes dificuldades ligadas ao assunto do estado futuro dos ímpios, que *Canon Farrar* me parece deixar inteiramente intocado. A espantosa misericórdia de Deus e o horror de supor que muitos ao nosso redor se perderão eternamente; ele tem

lidade plenamente e com uma retórica característica. Sem dúvida, as misericórdias de Deus são indescritíveis. Ele não deseja que ninguém pereça. Seu amor ao enviar Cristo ao mundo para morrer pelos pecadores é um assunto inesgotável. Mas este é apenas um lado do caráter de Deus, como o revelamos nas Escrituras. Seu caráter e atributos precisam ser vistos em todos os aspectos. A infinita santidade e justiça de um Deus eterno; seu ódio ao mal, manifestado no dilúvio de Noé e em Sodoma, e na destruição das sete nações de Canaã, a indescritível vileza e culpa do pecado aos olhos de Deus, o amplo abismo entre o homem natural e seu Criador perfeito, a enorme mudança espiritual pela qual todo filho de Adão deve passar, se ele deve habitar para sempre na presença de Deus e a total ausência de qualquer insinuação na Bíblia que essa mudança pode ocorrer após a morte; todos esses são pontos que me parecem comparativamente colocados de lado no volume de *Farrar*. Minha mente exige satisfação nesses pontos antes que eu possa aceitar os pontos de vista defendidos em seu livro, e essa satisfação não consigo encontrar no livro.

A posição que *Farrar* assumiu foi formalmente defendida pela primeira vez por *Orígenes*, um pai da igreja que viveu no terceiro século depois de Cristo. Ele corajosamente abordou a opinião de que a punição futura seria apenas temporária; mas sua opinião foi rejeitada por quase todos os seus contemporâneos. O bispo *Wordsworth* diz:

“Os Padres da Igreja no tempo de *Orígenes* e nos séculos seguintes, entre os quais muitos tinham a língua original do Novo Testamento como sua língua materna, e que não podiam ser enganados por traduções, examinaram minuciosamente a opinião e declarações de *Orígenes*, e concordaram em grande parte em rejeitá-las e condená-las. *Irineu, Cirilo de Jerusalém, Crisóstomo, Basílio, Cirilo de Alexandria e outros da Igreja Oriental, e Tertuliano, Cipriano, Lactâncio, Agostinho, Gregório Magno, Beda* e muitos outros da Igreja Ocidental, foram unânimes em ensinar que as alegrias dos justos e os castigos dos ímpios não serão temporários, mas eternos”. Mas isso não foi tudo. O Quinto Concílio Geral, realizado em Constantinopla sob o imperador Justiniano, em 553, examinou os princípios de *Orígenes* e aprovou um decreto sinodal

condenando-os. E por mil anos depois dessa época houve um consentimento unânime na cristandade nesse sentido.” (*Sermons on future rewards, etc., do Bispo Wordsworth, etc., p. 34.*)

Deixe-me acrescentar a esta afirmação o fato de que a eternidade do castigo futuro tem sido mantida por quase todos os teólogos desde o tempo da Reforma até os dias atuais. É um ponto sobre o qual luteranos, calvinistas, arminianos, episcopais, presbiterianos e independentes sempre, com poucas exceções, sempre foram de uma mesma opinião. Pesquisem os escritos dos mais eminentes e eruditos Reformadores, pesquisem as obras dos puritanos, pesquisem os poucos vestígios literários dos homens que reviveram o cristianismo inglês no século XVIII e, via de regra, sempre obterão uma resposta harmoniosa.

Nos últimos anos, sem dúvida, a “não-eternidade” da punição futura encontrou vários defensores zelosos. Mas até uma data comparativamente moderna, eu afirmo sem hesitar, os defensores dos pontos de vista de *Farrar*, sempre foram uma minoria extremamente pequena entre os cristãos ortodoxos. Este fato é, de qualquer forma, digno de ser lembrado.

Quanto às dificuldades que cercam a visão antiga, ou comum, de punição futura, admito sua existência e não pretendo explicá-las. Mas sempre espero encontrar muitos mistérios na religião revelada, e não tropeço em tais mistérios. Vejo outras dificuldades no mundo que não consigo resolver, e me contento em esperar a solução. O mistério de Deus, a origem do mal, a permissão da crueldade, opressão, pobreza e doença, a doença permitida e morte de crianças antes de distinguir o bem do mal, as perspectivas futuras dos pagãos que nunca ouviram o Evangelho, o estado da China, Hindustão e África Central, nos últimos 1800 anos; todas essas coisas, são, na minha opinião, profundezas que não tenho linha para sondar. Mas espero pela luz e não tenho dúvidas de que tudo ficará claro. Descanso no pensamento de que Deus é um Ser de infinita sabedoria e está fazendo todas as coisas de acordo com Sua vontade. “Não fará justiça o Juiz de toda a terra?” (Gn 18:25). Há um grande ditado de Eliú, em Jó: “Ao Todo-Poderoso, não o podemos alcançar; ele é grande em poder, porém não perverte o juízo e a plenitude da justiça” (Jó 37:23).

Pode ser perfeitamente verdade que muitos teólogos romanos, e até mesmo alguns protestantes, fizeram declarações extravagantes e ofensivas sobre os sofrimentos dos perdidos no mundo vindoura. Pode ser verdade que aqueles que acreditam no castigo eterno ocasionalmente interpretaram mal ou traduziram mal os textos, e levaram a linguagem figurada longe demais. Mas não é justo responsabilizar o cristianismo pelos erros de seus defensores. É um velho ditado que diz que “erros cristãos são argumentos infiéis”. *Tomás de Aquino, Dante, Milton, Boston e Jonathan Edwards* não foram inspirados e infalíveis, e eu me recuso a responder por tudo o que eles possam ter escrito sobre o estado dos perdidos. Permanece, na minha humilde opinião, uma massa de evidências das Escrituras em apoio à doutrina do castigo eterno, que nunca pode ser explicada e que nenhuma revisão ou nova tradução da Bíblia em inglês jamais derrubará.

Que há graus de miséria, bem como graus de glória no estado futuro, que a condição de alguns que estão perdidos será muito pior do que a de outros, tudo isso é inegável. Mas que o castigo dos ímpios terá um fim, ou que o período de tempo pós morte pode mudar um

coração, ou que o Espírito Santo sempre opera nos mortos, ou que existe qualquer processo de purificação depois da sepultura, por quais os ímpios serão finalmente preparados para o céu; essas são posições que eu afirmo ser totalmente impossível provar pelos textos das Escrituras. Pelo contrário! Há textos das Escrituras que ensinam uma doutrina totalmente diferente dessa apresentada por *Farrar*. “É surpreendente”, diz *Horbery*, “se o inferno é um estado de purificação, porque sempre ele foi representado nas Escrituras como um lugar de punição” (*Volume II p. 223*). Se uma vez começamos a inventar doutrinas que não podemos provar por meio da Bíblia, ou recusar a evidência de textos nas Escrituras, porque eles nos levam a conclusões que não gostamos, podemos também desprezar e descartar a Bíblia!

O argumento de alguns, de que nenhuma doutrina religiosa pode ser verdadeira que seja rejeitada pela “opinião comum” e pelo sentimento popular da humanidade, que quaisquer textos que contradigam esse sentimento popular comum devem ser mal interpretados e que, portanto, o castigo eterno não pode ser verdadeiro (porque o sentimento interior da

multidão se revolta contra ele); esse argumento me parece tão perigoso quanto infundado. É perigoso, porque atinge diretamente a autoridade das Escrituras como a única regra de fé.

Onde está o uso da Bíblia, se a “opinião comum” do homem mortal deve ser considerada como tendo mais peso do que as declarações da Palavra de Deus? É uma criatura caída, com um coração e entendimento corromptos e por isso, nas coisas espirituais seu julgamento é inútil. Há um véu sobre nossos corações. “O homem natural não aceita as coisas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura” (1 Co 2:14) Dizer, diante de tal texto, que qualquer doutrina que a maioria dos homens não goste, como a punição eterna, deve, portanto, ser falsa, é simplesmente absurdo! A “opinião comum” tem mais probabilidade de estar errada do que certa. Sem dúvida, o *Bispo Butler* disse: “Se na revelação houver alguma passagem cujo significado aparente seja contrário à religião natural, podemos certamente concluir que tal significado aparente não é o verdadeiro”. Mas aqueles que citam triunfantemente essas palavras fariam bem em observar a frase que se segue: “Mas por vezes se uma interpretação contém

uma doutrina que a luz da natureza não pode descobrir, não devemos descartá-la imediatamente por causa de nossa presunção contra essa interpretação” (*“Analogy”, parte i. cap. ii. p. 358. edição de Wilson*).

Afinal, o “sentimento comum” ou opinião da maioria da humanidade sobre a duração do castigo futuro, é uma questão que admite muitas dúvidas. Claro que não temos meios de verificar, e isso significa pouco de qualquer maneira. Em tal assunto o único ponto é: “O que diz a Escritura?” Mas tenho uma forte suspeita, se o mundo pudesse ser pesquisado, que descobriríamos que a maior parte da humanidade acredita no castigo eterno! Sobre a opinião dos gregos e romanos, de qualquer forma, pode haver pouca disputa. Se alguma coisa é claramente ensinada nas histórias de sua mitologia é a natureza infinita dos sofrimentos dos ímpios. O *Bispo Butler* diz: “Os escritores gentios, tanto moralistas quanto poéticos, falam do futuro castigo dos ímpios, tanto em duração quanto em grau, de maneira semelhante à expressão e descrição das Escrituras”. (*“Analogy”, parte i. cap. ii. p. 218*). As lendas estranhas de *Tântalo*, *Sísifo*, *Íxion*, *Prometeu* e as *Danaides* têm uma característica em comum. Em todos os casos o castigo é

eterno! Este é um fato digno de observação. Isso mostra que os oponentes do castigo eterno não devem falar com muita confiança sobre a “opinião comum da humanidade”.

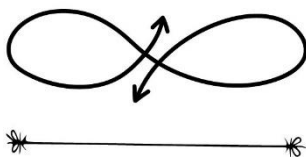
A doutrina da aniquilação dos ímpios, assim que eles morrem, à qual muitos aderem, parece-me totalmente irreconciliável com as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo sobre “a ressurreição do juízo”, e as palavras de Paulo, “haverá ressurreição, tanto de justos como de injustos” (Jo 5:29; At 24:14); que até que se prove que essas palavras não fazem parte da inspirada Escritura, parece-me mera perda de tempo argumentar sobre isso.

O argumento favorito dos defensores dessa doutrina, de que “morte, morrer, perecer, destruição” e coisas semelhantes, são frases que só podem significar “cessação da existência”, é facilmente refutado. Todo leitor da Bíblia sabe que Deus disse a Adão, a respeito do fruto proibido: “No dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gn 2:17). Mas todo estudante bem instruído sabe que Adão não “deixou de existir” quando quebrou o mandamento. Ele morreu espiritualmente, mas não deixou de existir! Assim também Pedro diz sobre o dilúvio: “veio a perecer o

mundo daquele tempo, afogado em água” (2 Pe 3:6). No entanto, certamente o mundo não deixou de ser; e quando a água secou Noé viveu nele novamente.

O argumento de que a palavra “eterno” nas Escrituras nem sempre significa “sem fim”, e que, conseqüentemente, “castigo eterno” não significa “castigo sem fim”, é um argumento que não suportará uma investigação. Sem dúvida, expressões como “eterno”, quando aplicadas a assuntos físicos, como as colinas, denotam nada mais do que a relativa estabilidade e antiguidade das montanhas na face do globo. Mas é igualmente certo que quando Deus e Seu trato com a alma do homem são os assuntos, a eternidade sempre denota uma realidade realmente infinita. O Novo Testamento, em todos os eventos, fornece evidências irrefutáveis sobre esse ponto. Em nossa versão autorizada, a mesma palavra grega é traduzida quarenta e duas vezes como “infinito” e vinte e quatro vezes como “sem fim”. Em quarenta e três lugares é aplicado à vida de glória “eterno” que é prometida aos crentes. Em seis lugares é aplicado ao estado futuro dos impenitentes e incrédulos. Mas nesses seis lugares não há o menor sintoma de prova de que a

palavra significa outra coisa além do que significa em todas as outras passagens do Novo Testamento onde ocorre. Em suma, desde o início de Mateus até o final de Apocalipse, a palavra só pode ter um significado. Seja aplicado a “Deus”, ou ao “Espírito”, ou à redenção, ou consolação, ou glória, ou punição, ou fogo. Tal palavra só pode ter uma interpretação. Sempre significa aquilo que não tem fim.



Punição com Prazo Definido

Há outra doutrina, no entanto, sobre o estado futuro, que ultimamente tem encontrado grande favor em alguns lugares, e requer mais atenção porque é mais enganadora e plausível do que a doutrina da aniquilação universal final. A doutrina que tenho em vista, se a entendo corretamente, equivale a isso: “Imortalidade, em seu sentido pleno, é o privilégio peculiar do crente. Sua felicidade após a morte é real e literalmente eterna. Mas a miséria daqueles que morrem em pecado não será eterna. *Ele cessará após um certo período, embora esse*

período possa ser terrivelmente longo, e então virá um estado de não-existência, ou inconsciência, como o estado futuro do budista.” Os defensores dessa teoria moderna afirmam que a existência infinita de seres em sofrimento é irreconciliável com o caráter de um Deus amoroso e misericordioso.

As ideias do homem sobre a enorme pecaminosidade do pecado à vista da indizível santidade e pureza de Deus, certamente são completamente inadequadas e defeituosas. Nenhuma duração de incontáveis eras fará do pecado algo além de um mal indescritível diante do Ser com quem temos que lidar. Milhões de anos de miséria nunca poderiam satisfazer aquela violação da lei de Deus pela qual o sangue de Jesus Cristo, o Eterno Filho de Deus, foi necessário para prover expiação. *É o sangue, e não o tempo, que esgota a pecaminosidade do pecado.* Mas não desejo me deter neste ponto. Eu prefiro descansar na Palavra de Deus.

Digo, então, sem hesitação, que a alegada distinção entre a duração da futura bem-aventurança dos piedosos e a futura miséria dos ímpios é uma distinção que não pode ser provada pela Bíblia. Você não pode

ensinar a distinção sem dar um golpe mortal nas perspectivas do crente além do túmulo. A linguagem das Escrituras sobre a duração do estado futuro de ambas as classes é a mesma. Você não pode limitar ou encurtar um estado sem limitar ou encurtar igualmente o outro.

O que diz o profeta Daniel: “Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, uns para a vida eterna, e outros para vergonha e horror eterno” (Dn 12:2). O que diz nosso Senhor Jesus Cristo? “E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna” (Mt 25:46).

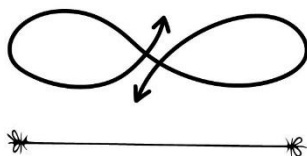
Esses dois textos por si só me parecem conclusivos e irrespondíveis. Em cada caso, as palavras hebraicas e gregas que descrevem os dois estados são precisamente as mesmas. A felicidade futura dos salvos e a miséria futura dos perdidos são declaradas semelhantes em termos de duração. Se um deve chegar ao fim, o outro também chegará; se a “vida” não tem fim, a vergonha e o castigo não terão. Aos meus olhos, ambos parecem igualmente intermináveis, eternos e infinitos.

Onde está o cristão que não ficaria chocado com a ideia de uma vida de bem-aventurança após a morte

que um dia cessaria e chegaria ao fim? Que crente, leitor da Bíblia, não se apegue à ideia de que depois deste mundo terreno decadente haverá um mundo sem mudança? Que homem ou mulher santo, em meio a despedidas, cruces, separações, doenças e mortes, não se alegra com o pensamento de um reino incorruptível, uma coroa que não se desvanece, um encontro sem separação e uma vida sem morte? E por quê? Simplesmente porque estas são coisas que são prometidas cem vezes na Palavra escrita de Deus.

Toda essa riqueza de esperança deve ser abandonada e jogada ao mar se admitirmos uma vez as teorias modernas sobre o mundo vindouro. A futura coroa deve desaparecer! O futuro encontro será desfeito! A glória futura será deferida! A vida futura deve ser trocada por extinção ou inconsciência! Que perspectiva mais miserável! Uma vez concedido que o castigo eterno deve ter um fim, por paridade de raciocínio você deve conceder que há um fim da vida eterna. Uma vez derrubada a verdade de um inferno eterno, você não pode manter a verdade de um céu eterno. Eles ficam ou caem juntos.

Há um profundo ditado de *Gregório, o Grande*, citado pelo *Bispo Pearson*: “*Se aquilo que Deus AMEAÇOU não é verdade, então aquilo que Ele PROMETEU também não é verdade.*” Em suma, para usar as próprias palavras do Bispo: “A condição dos perdidos é inalterável, sua condenação é irreversível, seus tormentos inevitáveis, suas misérias eternas. Como eles não serão retirados de seu castigo pela aniquilação de si mesmos, o castigo não será retirado deles por nenhuma compaixão. Tais pessoas permanecerão para sempre nesta condição sem remédio, sob uma dor eterna de perda, porque não há esperança do céu, e sob uma eterna dor de sentido, porque não há meios para apaziguar a ira de Deus que permanece sobre eles.” (*Pearson on the Creed, vol. ip 467*).



Conclusão

Concluirei agora este extenso pós-escrito com uma passagem de um trabalho que enviei há vinte e cinco anos, que muitos leitores deste livro provavelmente não tiveram a oportunidade de ler. Um quarto de século se passou desde que escrevi a passagem. Espero ser mais sábio em muitos aspectos. Já estive junto a muitos túmulos, derramei muitas lágrimas, carreguei muitas cruzes, falei com muitos cristãos e li muitos livros. Mas não vejo razão para alterar nenhuma das opiniões contidas nos parágrafos seguintes, ou para me retirar da posição que assumi. Segue o texto:

“Deixe os outros se digladiarem sobre o inferno, se quiserem; eu não ousa fazê-lo. Eu vejo isso claramente nas Escrituras, e devo falar sobre isso. Temo que milhares estejam no caminho largo que leva até o inferno, e gostaria de despertá-los para uma sensação de perigo diante deles. O que você diria do homem que viu a casa de seu vizinho em perigo de ser incendiada e nunca levantou o grito de “Fogo”? O que deve ser dito de nós como ministros, se nos chamamos de sentinelas das almas, e ainda vemos o fogo do inferno furioso à distância, e nunca damos o alarme? Chame de mau gosto, se quiser, falar de inferno. Se quiser chamar o fato de tornar as coisas agradáveis, e falar suavemente, e acalmar os homens com uma constante canção de ninar de paz, como caridade, siga em frente. Ó, que de tais noções de caridade eu possa ser liberto! Minha noção de caridade é advertir os homens claramente do perigo. Minha noção de dever ministerial é declarar todo o conselho de Deus. Se eu nunca falasse do inferno, estaria guardando algo que é lucrativo e me tornaria um cúmplice do diabo.

Leitor, eu lhe suplico, com todo carinho, cuidado com as falsas opiniões sobre o assunto no qual tenho me

debruçado. Cuidado com doutrinas novas e estranhas sobre o inferno e a eternidade do castigo. Cuidado com a fabricação de um Deus próprio, um Deus que é todo misericordioso, mas não justo, um Deus que é todo amor, mas não santo, um Deus que tem um céu para todos, mas um inferno para ninguém, um Deus que pode permitir que o bem e o mal estejam lado a lado no tempo, mas não fará distinção entre o bem e o mal na eternidade. Tal Deus é um ídolo seu. As mãos de sua própria fantasia e sentimentalismo o fizeram. Ele não é o Deus da Bíblia, e ao lado do Deus da Bíblia não existe nenhum outro. Seu céu não seria nenhum céu. Um céu contendo todos os tipos de homens (pecadores e santos) misturados indiscriminadamente seria de fato uma discórdia miserável. Ai da eternidade de tal céu! Haveria pouca diferença entre tal céu e o inferno. Ah, leitor, há um inferno! Há um fogo para o joio, bem como um celeiro para o trigo! Tome cuidado para que você não descubra tarde demais.

Cuidado para não ser sábio sobre o que está escrito. Cuidado com a formação de teorias fantasiosas de sua preferência, ou em tentar fazer a Bíblia se encaixar com elas. Cuidado ao fazer seleções de sua Bíblia para se

adequar ao seu gosto, recusando, como uma criança mimada, o que você acha amargo; agarrando, como uma criança mimada, o que você acha doce. O que é tudo isso senão pegar o canivete de *Joaquim* e cortar a Palavra de Deus em pedaços? O que significa dizer a Deus que você, um pobre verme de vida curta, sabe o que é bom para você melhor do que Ele? Você deve tomar a Bíblia como ela é. Você deve ler tudo e acreditar em tudo. Você deve vir para a leitura dela no espírito de uma criancinha. Não ouse dizer: “Acredito neste versículo, pois gosto dele. Eu rejeito esse, pois não gosto do que afirma. Eu recebo esse, pois posso compreendê-lo. Recuso esse, pois não consigo conciliar com meus pontos de vista.” Não, mas, ó homem, quem és tu que respondes contra Deus? Com que direito você fala dessa maneira? Certamente seria melhor dizer em cada capítulo da Palavra: “Fala, Senhor, porque o teu servo ouviu”. Ah, leitor, se os homens fizessem isso, eles nunca tentariam jogar ao mar a doutrina do castigo eterno dos ímpios”.



Quem foi J. C. Ryle?

John Charles Ryle nasceu numa família rica, elite social em 10 de maio de 1816 — sendo o filho primogénito de John Ryle, um banqueiro, e a sua esposa Susanna (Wirksworth) Ryle. Como primogénito, John viveu uma vida privilegiada e foi destinado a herdar todos os bens do seu pai e a seguir uma carreira no Parlamento. O seu futuro prometeu ser confortável e sem necessidades materiais.

J. C. Ryle frequentou uma escola privada e depois ganhou bolsas de estudos académicas para Eton (1828) e para a Universidade de Oxford (1834), mas destacou-se no esporte. Deixou a sua marca em particular no remo

e no críquete. Embora a sua procura por esportes fosse de curta duração, alegou que lhe deram dons de liderança. “Isso me deu poder para comandar, organizar, coordenar, observar a capacidade de cada homem e colocá-los nos lugares onde eram mais adequados, portadores e tolerantes. Mantendo-os à minha volta em bom humor, o que encontrei de infinita utilidade em muitas ocasiões na vida”.

Em 1837, antes da graduação, Ryle contraiu uma grave infecção no peito, que o levou a recorrer à Bíblia e à oração pela primeira vez em mais de catorze anos. Um domingo entrou a tarde na igreja, e Efésios 2:8 estava sendo lido lentamente, frase por frase. John sentiu que o Senhor lhe falava pessoalmente, e afirmou ter sido convertido nesse momento através da Palavra, sem qualquer comentário ou sermão.

O seu biógrafo escreveu: “Ele estava condenado e converteu-se, e desde esse momento até a última sílaba gravada nesta vida, sem dúvida, o que permaneceu sempre na mente de John é o fato de que a Palavra de Deus é viva e poderosa, mais afiada do que qualquer espada de dois gumes”. Após a graduação em Oxford, John foi para Londres estudar direito para a sua carreira

na política, mas em 1841, o banco do seu pai faliu. Era o fim da carreira na política, pois não tinha fundos para continuar.

Em anos posteriores, John escreveu: “Levantamos uma manhã de verão com todo o mundo à nossa frente, como de costume, e fomos para a cama nessa mesma noite completamente arruinados. As consequências imediatas foram amargas e dolorosas ao extremo, sendo humilhantes ao máximo”.

E noutra altura, disse: “O fato simples era que não havia ninguém da família a quem tocou mais do que a mim. O meu pai e a minha mãe já não eram jovens e estavam na decadência da vida; os meus irmãos e irmãs, claro, nunca esperavam viver em Henbury (a casa da família) e naturalmente nunca pensaram nela como a sua casa depois de um certo tempo. Eu, pelo contrário, como o filho mais velho, vinte e cinco anos, perdi tudo, vi todo o meu futuro jogado em confusão”.

Depois desta ruína financeira, Ryle era um plebeu — tudo num dia. Pela primeira vez na sua vida, ele precisava de um emprego. A sua educação qualificou-o para o clero, pelo que, com o seu diploma de Oxford, foi ordenado e entrou no ministério da Igreja da

Inglaterra. Prosseguiu numa direção totalmente diferente, com a sua primeira missão no ministério em Exbury, em Hampshire, no qual era uma zona rural cheia de doenças. A sua infecção pulmonar recorrente dificultou o seu período naquela cidade, até ser transferido para St. Thomas em Winchester. Com a sua presença imponente, princípios apaixonados, e disposição calorosa, a congregação de John cresceu de tal forma que precisou de diferentes acomodações.

Ryle aceitou uma posição em Helmington, Suffolk, onde teve muito tempo para ler teólogos como Wesley, Bunyan, Knox, Calvin e Luther. Ele era um contemporâneo de Charles Spurgeon, Dwight Moody, George Mueller e Hudson Taylor. Viveu na época de Dickens, Darwin e da Guerra Civil Americana. Tudo isto influenciou a compreensão e a teologia de Ryle.

A sua carreira de escritor começou a partir da tragédia da ponte suspensa Great Yarmouth. Em 9 de maio de 1845, uma grande multidão reuniu-se para as festividades oficiais de abertura, mas a ponte ruiu e mais de uma centena de pessoas mergulharam na água e afogaram-se.

O incidente chocou todo o país, mas levou Ryle a escrever o seu primeiro tratado. Ele falou das incertezas da vida e da provisão segura da salvação de Deus através de Jesus Cristo. Milhares de exemplares foram vendidos. Nesse mesmo ano, ele se casou com Matilda Plumptre, mas ela morreu após dois anos, deixando-o com uma filha menor. Em 1850, ele se casou com Jessie Walker, mas ela teve uma doença prolongada, que fez com que Ryle cuidasse dela e da sua família em crescimento (três filhos e outra filha) durante dez anos até à sua morte. Em 1861, foi transferido para Stradbroke, Suffolk, onde se casou com Henrietta Clowes.

Stradbroke, Suffolk, foi a última paróquia de Ryle, e ganhou reputação pela sua simples pregação e evangelismo. Além das suas viagens e pregações, ele passou algum tempo a escrever. Escreveu mais de 300 panfletos, folhetos e livros. Os seus livros incluem Pensamentos Expositivos sobre os Evangelhos (7 Volumes, 1856 – 1869), Princípios para os clérigos (1884), Home Truths, Knots Untied, Old Paths, and Santidade. Seu livro “Líderes cristãos do século XVIII” (1869) é descrito como tendo “frases curtas e concisas; lógica e

penetrante percepção do poder espiritual”. Este parece ser o caso da maior parte dos seus escritos. Enquanto pregava e escrevia Ryle tinha 5 diretrizes em mente:

(1) Ter uma visão clara do assunto

(2) Usar palavras simples

(3) Usar um estilo simples de composição

(4) Ser direto

(5) Usar muitas anedotas e ilustrações

Em todo o seu sucesso com a escrita, utilizou os direitos de autor para pagar as dívidas do seu pai. Ele pode ter se sentido em dívida com essa ruína financeira, pois disse: “Não tenho a menor dúvida, foi tudo planejado para um bem maior. Se eu não tivesse sido arruinado, nunca teria sido um clérigo, nunca teria pregado um sermão e nunca teria escrito um folheto ou livro”.

Apesar de todas as provações que Ryle sofreu — ruína financeira, perda de três esposas e sua própria saúde precária, ele aprendeu várias lições de vida.

Em primeiro lugar; cuidar da sua própria família. Segundo; nadar contra a maré quando for necessário.

Era evangélico antes de ser popular e apegou-se aos princípios da Escritura: justificação apenas pela fé, expiação substitutiva, a Trindade e a pregação. Terceiro; atitudes cristãs exemplares em relação aos seus oponentes. Quarto; aprender e compreender a história da igreja, pois os benefícios importantes vêm de gerações passadas. Quinto; servir na velhice. E, sexto; perseverar nas suas provações. Estes foram princípios de vida que Ryle aprendeu enquanto vivia a sua vida, enquanto pregava, enquanto escrevia e enquanto espalhava o evangelho. Foi para sempre um defensor do evangelismo e um crítico do ritualismo.

J. C. Ryle foi recomendado pelo Primeiro-Ministro Benjamin Disraeli para ser Bispo de Liverpool em 1880 onde trabalhou na construção de igrejas e missões para chegar a toda a cidade. Aposentou em 1900 aos 83 anos e morreu mais tarde nesse mesmo ano. O seu sucessor descreveu-o como “um homem de granito com um coração de criança”. G. C. B. Davies disse “uma presença imponente e uma defesa destemida dos seus princípios foram combinadas com uma atitude amável e compreensiva nas suas relações pessoais”.

A IMORTALIDADE

*Outros títulos
produzidos por nós*



A Cruz
J.C. Ryle

O que você pensa e sente a respeito da cruz de Cristo? As vezes você vive em uma nação cristã. Provavelmente frequenta o culto de uma igreja cristã. Talvez tenha sido batizado em nome de Cristo. Professa e pensa ser um cristão. Tudo isto é o que se pode dizer de milhões no mundo. Mas tudo isto não é resposta à minha pergunta: "O que você pensa e sente sobre a cruz de Cristo"?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Um Guia Seguro para o Céu **Joseph Allain**

Alguns de vocês não sabem o que quero dizer com conversão, e em vão tentarei persuadi-los a algo que vocês não entendem. Portanto, para o seu bem, vou mostrar **o que é conversão.**

Outros nutrem esperanças secretas de misericórdia, embora continuem como estão. Para eles devo mostrar a **necessidade da conversão.**

Outros tendem a se endurecer com a vã presunção de que já estão convertidos. A eles devo mostrar **as marcas dos não convertidos.**

Outros, porque não sentem nenhum mal, não temem nenhum, e dormem como no topo de um mastro. A eles mostrarei a **miséria dos não convertidos.**

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Satanás e Seu Evangelho

A.W. Pink

Tendo sido frustrado e derrotado então, em todos os pontos; tendo falhado em impedir a encarnação de nosso abençoado Senhor, tendo falhado em impedi-Lo de oferecer a Si mesmo como sacrifício pelo pecado, tendo falhado em manter Seu corpo nos confins da sepultura, cabe a nós indagar se Satanás desistiu em desespero ou não, se ele deixou de atacar a pessoa e a obra do Senhor Jesus, se ele mudou sua atitude em relação ao Filho amado de Deus; ou, se ele ainda está processando seus desígnios perversos, ainda se esforçando para frustrar os propósitos de Deus e se ele está ou não, agora, visando anular as virtudes da morte expiatória de Cristo.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Pai Nosso
A.W.Pink

"Santificado seja o Teu nome". Como é fácil proferir estas palavras sem pensar em sua importância solene! Ao procurar ponderá-las, quatro questões são naturalmente levantadas em nossas mentes. Primeiro, o que significa a palavra "santificado"? Em segundo lugar, o que significa o nome de Deus? Terceiro, qual é a importância de "santificado seja o Teu nome"? Quarto, por que esta petição vem em primeiro lugar?

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Rara Joia do Contentamento Cristão Jeremiah Burroughs

O mistério do contentamento cristão será a obrigação, a glória e a excelência de um cristão.

- A natureza do contentamento cristão: O que é isso (Cap.1)
- A arte e o mistério disso (Cap.2)
- Quais lições devem ser aprendidas para trazer contentamento ao coração. (Cap. 3)
- No que principalmente consiste a gloriosa excelência dessa graça. (Cap.4)

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



A Importância da Bíblia **J.C. Ryle**

Ao lado da oração não há nada tão importante na religião prática como a leitura da Bíblia. Deus misericordiosamente nos deu um livro que é "tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus" (2 Timóteo 3:15). Lendo esse livro podemos aprender sobre o que acreditar, o que ser e o que fazer; como viver com conforto, e como morrer em paz. Feliz é aquele homem que possui uma Bíblia! Mais feliz ainda é aquele que a lê! O mais feliz de todos é aquele que não só lê, mas o obedece, e faz dela a regra de sua fé e prática!

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



O Atleta Celestial **John Bunyan**

Amigos, Salomão diz que “O preguiçoso morre desejando” (Pv 21:25); e se assim for, o que a própria preguiça fará com aqueles que a entretêm? O provérbio é: “o que dorme na sega é filho que envergonha.” (Pv 10:5). E isto ousa dizer: nenhuma vergonha maior pode acontecer a um homem do que ver que ele enganou sua alma e pecou a vida inteira. E tenho certeza de que esta é a próxima maneira de fazer isso; ou seja, ser preguiçoso – preguiçoso, eu digo, na obra da salvação. A vinha do homem preguiçoso, em referência às coisas desta vida, não está mais cheia de sarças, urtigas e ervas daninhas fétidas do que aquele que é preguiçoso para o céu, tendo seu coração e alma sufocados; maldito pecado.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Deus Acima do Tempo Angus Stewart

É claro e repetidamente ensinado na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, que Deus é eterno. Existe, porém, uma diferença de opiniões no significado da eternidade de Deus. Basicamente existem duas visões. Uma é que a eternidade de Deus significa que Ele é desde a infinidade passada e será na infinidade futura. Esta é a visão da eternidade de Deus como eterna ou sempiterna. A outra posição, defendida neste artigo, é que Deus está acima do tempo, que Ele não está no tempo e nem o tempo no Seu Ser.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Nas Pegadas do Cordeiro
George Steinberge

Na vida cristã nossa relação é com uma pessoa, não com uma doutrina. Ele nos deixou um exemplo. Podemos ser desviados pelas doutrinas, e podemos nos cansar delas [embora devamos nos esforçar para não fazê-lo], mas nunca nos cansamos de olhar para o Cordeiro e caminhar em Seus passos. Vamos passar toda a eternidade adorando o Pai porque Ele nos deu o Cordeiro, não só como uma oferta ao pecado, mas também como guia! E como isso é abençoador para nós, especialmente em nosso tempo em que tantas vozes conflitantes chamam: "Aqui está o Cristo!" e "Veja! Ele está lá!"

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Orgulho e Humildade **C.H. Spurgeon**

Quase todo evento tem seu prelúdio profético. É um ditado antigo e comum, que “os próximos eventos lançam suas sombras antes de acontecer”; o homem sábio nos ensina a mesma lição no versículo diante de nós. Quando a destruição caminha pela terra, ela lança sua sombra; está na forma de orgulho. Quando a honra visita a casa de um homem, ela lança sua sombra; está na forma da humildade. “Antes da ruína, gaba-se o coração do homem”.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)



Praticando a Presença de Deus **Irmão Lowrence**

Durante o inverno, vendo uma árvore despojada de sua folhagem, e considerando que em breve voltariam a brotar as suas folhas e depois apareceriam as flores e os frutos, Irmão Lourenço recebeu uma visão da Providência e do Poder de Deus que nunca se apagou de sua alma. Esta visão o liberou totalmente do mundo, e incendiou nele um grande amor por Deus. Tão grande era esse amor que ele não podia se dizer que tinha aumentado nos quarenta anos que se passaram.

[CLIQUE AQUI PARA LER](#)